



Comunidades Virtuais de Aprendizagem – uma leitura desprestigiada sobre os conceitos de autoria, controle e comunidade a partir de uma experiência de escrita hipertextual e coletiva¹

Rodrigo Eduardo BOTELHO Francisco², Bruno José Betti GALASSO³, Glades Miquelina Debei SERRA⁴, Jorge Marcelo NOMURA⁵, André DEAK Alonso⁶, Carlos Eduardo LOURENÇO⁷, Antonia Alves PEREIRA⁸ e Thais Arrias WEILLER⁹
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Na sociedade contemporânea, a potencialização do uso de novas ferramentas de comunicação e interação tem apresentado desafios para o entendimento das relações sociais. A experiência humana em novas comunidades de ensino e aprendizagem baseadas na utilização da rede mundial de computadores, por exemplo, pressupõe a reconfiguração dos papéis tradicionais de mestre e aprendiz e de autor e leitor. Nesse contexto, se por um lado as relações de poder e controle deixam de estar pautadas num centralismo e em modelos hierárquicos verticalizados, por outro ganham novas formas de existência a ponto de podermos falar em sociedade de controle. Nesse contexto, este trabalho se propõe discutir três temas importantes neste debate: autoria, controle e comunidades. Sua redação ocorreu a partir de um trabalho coletivo de revisão bibliográfica, redação e edição, experiência que foi muito interessante para o entendimento da temática proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Poder; Comunidades; Tecnologias da Informação e Comunicação

A escrita coletiva e hipertextual

Este artigo foi elaborado a partir de um trabalho concebido no primeiro semestre de 2010, como conclusão da disciplina Construindo Comunidades de Aprendizagem e de Prática (CCVAP), integrante do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, jornalista, especialista em Computação e, atualmente, Diretor de Comunicação Social da Universidade Federal de São Carlos, email: rodrigobotelho@usp.br

³ Filósofo e jornalista, mestre em Sociolinguística e doutorando em Educação pela USP. Atualmente, é bolsista Erasmus Mundus e faz estágio de doutorado-sanduíche na Universidade do Minho (Portugal), email: galasso.bruno@gmail.com

⁴ Mestre e doutoranda em Educação pela FE/USP, psicóloga e pedagoga (FE-USP), email: gladesserra@hotmail.com

⁵ Mestre em Administração pela Uninove, publicitário pela FAAP com MBA em Marketing e professor do curso de Publicidade da Uninove, email: mnomura1@yahoo.com.br

⁶ Mestrando do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP, email: andredeak@gmail.com

⁷ Mestrando em Ciências da comunicação pela ECA/USP, especialista em Propaganda e Marketing (Cáster Líbero) e Comunicador com habilitação em Relações Públicas formado pela Universidade Estadual Paulista, email: prof.caco@uninove.br

⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP. Especialista em Educação a Distância pelo Senac-RJ, jornalista pela UFMT, email: antoniaalves@usp.br

⁹ Graduada em Jornalismo e em Moda pelo Cesumar e mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, email: thaisweiller@gmail.com



Universidade de São Paulo, sob orientação da professora Brasilina Passarelli. A motivação foi a construção de um texto coletivo, com a participação de todos os alunos, a partir de temas relacionados com a disciplina.

A proposta é similar a de grupos que fizeram o mesmo trabalho em edições anteriores da CCVAP, que desde 2001 tem promovido uma rica experiência de escritura coletiva¹⁰. Sendo assim, em 2010 procurou-se avançar em relação aos trabalhos anteriores e se propôs um outro tipo de apresentação e formatação do texto coletivo. Em linhas gerais o desafio é o mesmo, ou seja, congregar diferentes visões, formações profissionais e estilos textuais num texto que é escrito por todos, ao mesmo tempo. A alternância de papéis não ocorre na segmentação de partes do trabalho, mas no todo. Com isso, o texto proposto neste trabalho é fruto de constante negociação, debate e confluência de ideias.

Na estruturação do texto usou-se o recurso da hipertextualidade. Cada um dos três capítulos que o compõe foi concebido como algo completo, que encerra uma discussão em si, ao mesmo tempo que deixa em aberto questões que são abordadas em outras partes. Estas estão devidamente linkadas não só a partir de hiperlinks, mas a partir da própria redação, que inicia e termina cada capítulo com abordagens relacionadas. Naturalmente os recursos empregados no trabalho não podem ser explorados no espaço deste artigo, visto as limitações deste suporte, porém, o trabalho completo pode ser acessado a partir do *site* da disciplina¹¹.

A configuração do texto coletivo possui três temas principais – autoria, comunidades e controle –, redigidos por oito autores. Porém, com a técnica de escritura coletiva e hipertextual busca-se uma proposta de autoria coletiva na qual cabem tantos quantos outros autores queiram, a partir do trabalho, elaborar novos relacionamentos, com outros temas que possuam interface com os que foram abordados. É, de certa forma, como apontado em um dos capítulos do trabalho e no sentido do conceito de Umberto Eco (1991), uma obra aberta.

Nesta obra coletiva e aberta, o texto configura-se como algo rizomático. Algo que, segundo Deleuze e Guattari (1995), pode ser definido como um campo de experimentação e possibilidades, uma vez que não se limita a uma análise por decomposições internas. Partindo da lógica rizomática, tópicos iniciais vão se

¹⁰ Os trabalhos anteriores estão disponíveis em <http://ccvap.futuro.usp.br/page.ef?node=textocoletivo&tipo=a>

¹¹ O *site* da disciplina é <http://www.ccvap.futuro.usp.br>. O conteúdo deste trabalho encontra-se em endereço específico: <http://www.ccvap.futuro.usp.br/ccvap2010>.



ramificando, se interligando, se entrelaçando, para também permitir vislumbrar novas conexões. Trabalha com pressupostos da visão sistêmica e de complexidade, sinalizando para a importância de acionar processos autopoieticos e mobilizadores. Parece, assim, dar-se conta que, para criar, é preciso ter o que relacionar. Então, no caso da produção de um texto coletivo, dos saberes, a criação implica, também, em mergulhar em uma espécie de universos de referência da “*substância*” do conhecimento. E, *a priori*, o garimpo de textos é o caminho inicial pela dimensão da “*teia-trama*” de fios teóricos que a compõem, bem como pelo aspecto quantitativo de produções com as quais nos deparamos após uma pesquisa inicial.

Neste processo de construção, a comunicação entre os autores ocorreu na interação de sujeitos, através do fluxo multidirecional de informações, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpórais, significantes e a-significantes, mediada ou não por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido.

Essa proposta de construção rizomática no que tange a dimensão a-significante da comunicação, bem como as temáticas que fundamentaram os temas foram construídos a partir de autores como: Foucault (1992), Deleuze e Guattari (1995), Bakhtin (1990; 2003), Barthes (1998), Bauman (2001), Murray (2003), Castells (1999), Rheingold (1993; 1997; 2001), Morin (2006), Lèvy (1994; 1997; 1999), Costa (2010), Passarelli (2007; 2009), Lemos (2009), Primo (2009), entre outros.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho é uma pesquisa exploratória pautada num estudo da literatura existente sobre os temas abordados. Este procedimento visa dar conta do objetivo geral do trabalho, que é o de aprimorar ideias e conceitos relacionados ao contexto das comunidades virtuais de aprendizagem e de prática na sociedade contemporânea. Não se pretende esgotar o debate sobre isso, mas, sim, tomar contato com este objeto, de forma que seja possível a formulação de novas perguntas, questionamentos e hipóteses que dêem suporte a outras pesquisas sobre o tema. O que importa aqui é o processo, não o fim em si. Parte-se do mesmo pressuposto de Gil (1996, p. 45), que lembra que “*estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses*”.

A escolha de autoria, controle e comunidade como temas centrais do trabalho decorreu de uma série de debates sobre temas relacionados às comunidades virtuais de



aprendizagem e de prática. Eles surgiram como algo natural dentro da disciplina e como um mapa mínimo de conceitos importantes para o entendimento da Educação e da Comunicação no contexto das contemporâneas tecnologias de informação e comunicação. Outras palavras-chave, fortes candidatas neste processo, foram: cibercultura, coletivo, interatividade, conectivismo e sociedade em rede. Certamente, no modelo de escritura proposto, elas poderão ser abordadas em outros momentos por estes autores ou por novos autores que queiram somar-se a este trabalho.

A seguir serão apresentados os principais pressupostos da abordagem de cada um dos temas escolhidos para este trabalho. Por questões de limitação do espaço, neste artigo eles não serão abordados em profundidade e com todos os recursos pensados para o trabalho, o que poderá ser conferido em www.ccvap.futuro.usp.br/ccvap2010.

Autoria na contemporaneidade: individual e/ou coletiva?

O entendimento das questões que envolvem autoria se tornou fundamental na sociedade contemporânea. O surgimento de novas propostas de configuração de autor, que agora passa a ser coletivo e trabalhar em obras colaborativas, coloca em cheque até mesmo modelos de negócio consolidados da sociedade capitalista. Este trabalho se propôs discutir tal tema como uma forma de contribuir com este debate. Sem a ousadia de ensaiar conclusões, propõe-se uma revisão de conceitos que dê subsídios para uma discussão que, como bem se sabe, está em aberto.

A partir da proposta de [escritura coletiva e hipertextual](#), apresentada acima, a abordagem sobre autoria inicia-se com [as origens do termo](#), seguida de uma discussão sobre o [papel do indivíduo na produção autoral](#) e da configuração do autor na [obra aberta](#). Deste tópico, naturalmente surge uma abordagem da passagem [da autoria individual para a autoria coletiva](#). Neste processo de escritura, evocam-se autores importantes e reconhecidos como Michel Foucault (1992), Roland Barthes (1988) e Mikhail Bakhtin (1990 e 2003). Segue-se uma apresentação de autoria sob o ponto de vista da [propriedade](#) e do [direito autoral](#), entendendo-se que na história passa-se de um modelo *copyright* para a proposta atual do *copyleft*. Finaliza a discussão com uma instigante abordagem de Janet Murray (2003), que apresenta o [agenciamento](#) em substituição ao conceito de autoria.

Interessante ressaltar aqui alguns dos pressupostos teóricos abordados no trabalho referentes à autoria. Chartier (1999), por exemplo, nos lembra que os primeiros movimentos para se estabelecer a identidade de uma obra ou narrativa surgem na Idade



Média, onde o conceito de autoria era outorgado àquele que era constituidor de um ato, sendo por ele responsável, e assim podendo receber as implicações e punições por estes. Em outras palavras, o termo autor teve, em um primeiro momento, um uso jurídico. De acordo com este autor, os primeiros movimentos para se estabelecer a identidade autoral resulta na censura exercida pela Santa Igreja a livros e escritos heréticos. Desta forma, para haver a punição era necessário desvelar o autor da transgressão, o protagonista do ato herege. Assim, as autoridades religiosas e políticas começaram a se preocupar com a autoria textual.

Já Foucault (1984), ao abordar o assunto, afirma que a função do autor não se dá de forma universal e uníssona em todas as formas discursivas. Em “*O que é um autor?*”, Foucault (1992) irá tratar da distinção entre o nome do autor e o nome próprio. Na concepção foucaultiana, o nome do autor não está atrelado propriamente a um indivíduo real e exterior que proferiu o discurso. Para ele, o nome do autor tem uma função classificativa, delimitada pelo tipo de discurso, isto é, passa a caracterizar um certo modo de ser do discurso. (FOUCAULT, 2002, p.44-45).

Autoria e propriedade – Sabe-se que a transferência do poder de autoria não é encarada de forma tranquila por uma sociedade capitalista, que também explora as obras de arte e literatura como bens consumíveis e, dessa forma, passíveis de serem representados por um valor comercial. Assim, naturalmente irão se chocar os direitos de autor e leitor. Afinal, de quem é o direito da obra?

Em resposta a perguntas como esta, chegou-se ao conceito criado, ou melhor, pego no ar, por Richard Stallman dentro do movimento de *Software Livre* nos anos 80. O conceito de *copyleft* seria o oposto do *copyright*. O *copyleft* é um meio de defender o trabalho das pessoas de ser indevidamente apropriado ou tomado como “seu” por outrem (plagiando ideias livres). É preciso garantir, assim, que o material ali produzido é de todos, mas sem impedir que outras pessoas o copiem ou o reproduzam.

Pode-se notar até aqui que a questão da autoria na contemporaneidade está relacionada estritamente às possibilidades ofertadas pelo novo meio: a Internet. Murray (2003), num trabalho que aborda como a narrativa se dá neste espaço, aponta o computador como um meio apropriado para o ato de contar histórias, já que ele é “feito para modelar e reproduzir padrões de todos os tipos”. Em busca de respostas para o processo de criação autoral nesse ambiente, ela afirma ser necessário descobrir uma maneira de escrever de forma procedimental. “Para que o meio possa amadurecer, os contadores de histórias terão de desenvolver primitivas mais expressivas, ações simples



que permitirão intervenções cada vez mais sutis dos interatores” (MURRAY, 2003, p. 182.).

Ao fazer este caminho histórico para discutir as questões de autoria, e ao chegar aos conceitos de obra aberta, direito autoral, propriedade intelectual, *copyright* e *copyleft*, muito mais que chegar a conclusões, chega-se a novos questionamentos. Alguns deles são reflexo de pensamentos praticistas e dizem respeito ao que passa pela cabeça de milhões de pessoas que podem questionar o que será dos músicos, dos cientistas, dos artistas, dos escritores e de todos aqueles que adotaram até agora um modelo de negócio pautado na remuneração pela autoria. Por exemplo, se um músico não vive mais de sua produção fonográfica devido a disseminação dos MP3, ele sobreviverá a partir de seus *shows*? Seria essa a ideia de sobrevivência no campo da literatura? Fundir a lógica do espetáculo com a égide do saber literário? Ainda neste campo da literatura e das artes, como ficam os intelectuais, gênios e autores a partir da lógica da construção colaborativa e coletiva? Estariam os criadores individualmente constituídos fadados a extinção?

Por mais pueris que possam parecer estes questionamentos, eles fazem sentido num momento de transição em que vivemos. É certo que na sociedade contemporânea convivemos com uma diversidade imensa de revoluções no campo do conhecimento e da comunicação. Isso, de certo modo, advém da implicação das características do paradigma digital sobre o desenvolvimento e oferta das novas tecnologias de informação e comunicação. As inovações neste campo implicam não só em novas configurações para a autoria, como também em novas formas de controle e novas reconfigurações das relações em comunidade.

De todo modo, independente das perguntas, acredita-se estar num processo de entendimento da revolução que ocorre a partir das novas lógicas impostas pela utilização das TIC na sociedade contemporânea. Debater este tema, neste sentido, é apenas um exercício na busca por entendimentos. O conceito de autoria, aqui discutido, soma-se a outros como [controle](#) e [comunidades](#). A abordagem para ambos será apresentada nos próximos dois tópicos.

Comunidades virtuais no Ciberespaço: criação de redes pessoais ou coletivas?

O mundo inteiro acaba de assistir a 19ª Copa do Mundo, que concentrou a atenção da população do planeta numa espécie de comunidade, no coração da África. Em sua saudação, na abertura do evento, o [Arcebispo Desmond Tutu](#) lembrou que



somos todos iguais no espírito e no ser, pois todos somos africanos. Graças a sua habilidade de viver em comunidade e compartilhar, a humanidade conseguiu construir o modelo de sociedade no qual vivemos. A capacidade de comunicar e de compartilhar informações ajudou o homem a superar inúmeros tipos de intempéries da natureza. Deste modo, entender a forma de convivência em grupo, as disputas e tensões entre elementos dentro de um grupo ou entre grupos, bem como as redes de relações, é fundamental para compreensão do que significa viver em comunidade. A sociedade atual vive hoje uma das maiores transformações em séculos. Desde McLuhan, que apontara que ela é uma aldeia global, vive-se uma potencialização do uso das novas tecnologias de informação e comunicação que fizeram despontar a união de todas as nações territorializadas em um território virtual, o ciberespaço.

Esta globalização cultural, ou massificação como dizem pesquisadores mais críticos, nos leva a pensar sobre que comunidades são estabelecidas no ciberespaço. Até que ponto pode-se falar em redes coletivas e cooperativas, ou na reafirmação narcísica do eu em um ambiente que permite uma visibilidade mundial de cada sujeito? O intuito do trabalho deste grupo ao estudar o conceito de comunidade é analisar que tipo de comunidade está se formando no ciberespaço e discutir o conceito de comunidade e comunidade virtual não no intuito de fechar a questão, mas de modo a contribuir com um debate que se instaura em nosso tempo. Afinal o que é comunidade? Quais os elementos e as condições que permitem sua constituição? Como entendê-la na contemporaneidade? Que tipo de interação ocorre nelas? O entendimento destas questões se tornou essencial.

Também a partir da proposta de [escritura coletiva e hipertextual](#), o trabalho sobre comunidades inicia-se a partir de uma abordagem da [aurora da comunidade](#), seguida de uma discussão sobre as comunidades no contexto da [Era da Informação](#). Na sequência, o tema é abordado situando as [Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática](#), levando questionamentos acerca da evolução do conceito de comunidades virtuais para redes sociais. O resultado deste percurso prova que o entendimento destes conceitos não induz a conclusões, mas a questionamentos que, por sua vez, dão origem a novas discussões sobre outros temas, como autoria e controle.

Da aurora das comunidades à Era da Informação – Neste tópico do trabalho, realizou-se um resgate histórico que mostra que o termo remete à comunhão e participação. Para Bauman (2003, p. 7), por exemplo, há palavras que têm significados. Dentre elas encontra-se a palavra “*comunidade*”, que sugere uma boa coisa pelo seu



significado, pois diz que a *“comunidade é um lugar quente, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”*. Ao lembrar esse significado de comunidade, alerta para uma realidade perfeita que todos gostariam de ter, mas que se tornara um paraíso perdido, pois uma comunidade assim exigiria obediência rigorosa que acabaria pelo *“abrir mão da própria liberdade”*.

A partir de dessa conceituação, rumou-se para outros universos literários que abordam a temática. Assim surge Kerckhove (1997), que vê a comunidade como um conjunto de pessoas diretamente envolvidas em uma atividade, com maior ou menor constância na participação. Rheingold (1993), que cunhou a expressão *“comunidades virtuais”*, afirma que elas são capazes de criar uma nova forma de interação, com relações sociais, pessoais e políticas, conduzidas por e para sujeitos que participam da rede de computadores. Essas comunidades virtuais são consideradas um princípio de crescimento do ciberespaço por Pierre Lèvy (1999). No ciberespaço elas têm total liberdade de expressão, pois passam pela confiança, liderança de alguém e apoio hierárquico estabelecido de algum modo (BAUMAN, 2001). São construídas por afinidade, parceria e alianças intelectuais de amizade e inimizade que se desenvolvem nelas (CASTELLS, 2000). E, ainda, são estabelecidas na premissa de um grupo relativamente homogêneo de pessoas participantes de atividades no processo de aprendizagem seja individual ou em grupo, como atestam Pallof e Pratt (2002).

Passarelli (2007, p.43) cita os trabalhos de Silver realizados em 2000, que investiga a cibercultura apontando que as comunidades virtuais prosperam em sua segunda fase. Passa por Rheingold, que expande o conceito de relações humanas para o ciberespaço, e chega às pesquisas de Turkle de 1995 que *“cunha o conceito da identidade virtual, afirmando que no ciberespaço muitos se identificam através de identidades ‘fictícias’”* – chega-se à discussão desse novo espaço que questiona a apropriação dos textos e das formas de expressão.

Lemos (2009, p. 39) fala desse espaço como uma *“cultura remix”* em que tudo pode ser recombinação, pois ocorre a *“liberação do polo da emissão, no princípio de conexão em rede e na conseqüente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinaatórias”*. Isso aponta que as comunidades virtuais apresentam elementos de interação, laço e capital social. *“Assim, a comunidade virtual constitui-se em um agrupamento de atores, baseado em interação social, que possui uma estrutura de laços sociais com capital social embebido nela”*. (RECUERO, 2008,



p.69). E com o advento das redes sociais, esse universo vai se tornando ainda mais desafiador.

Costa (2005) propõe que hoje é preciso enxergar essas formas de interação humana num sentido mais amplo que o de comunidade, pois cada indivíduo está apto a construir sua própria rede de relações, sem que essa rede possa ser definida precisamente como “*comunidade*”.

Pode-se notar a partir de tantas definições, que chegar a uma conclusão não é possível, pois o universo das comunidades virtuais ou redes sociais está em franca expansão, exigindo de seus interagentes decisões contínuas. Se na comunidade, a segurança apontada por Bauman é o princípio integrador, nas redes sociais a questão da privacidade se abre cada vez mais em longas discussões.

Se para Castells (1999) o que “*não está na rede não existe*”, o que dizer das esferas de controle? O quão livre são os internautas no ciberespaço, nas comunidades virtuais e nas redes virtuais? Quem é dono de uma ideia desenvolvida em comunidade? É possível compartilhá-la e preservar a propriedade autoral individual? O que é exatamente autoria coletiva? É necessário aprofundar a discussão, rever o papel do autor desde sua origem, entender o que é o autor e como o conhecimento pode evoluir em um processo de construção coletiva.

Quem controla quem ou se deixa controlar no ciberespaço?

O desenvolvimento das TIC contemporâneas e o impacto de suas propostas de utilização pela sociedade, de fato, têm proporcionado novas concepções de espaço e tempo, diferentes fluxos de informação, novos modelos de comunicação e, por conseguinte, desafiantes relações sociais. Porém, se por um lado há entusiastas que verificam nessa movimentação mecanismos mais democráticos, por outro há os que identificam a capacidade de controle das tecnologias sob a vida humana.

A partir da proposta de [escritura coletiva e hipertextual](#), este tópico do trabalho também aborda diversos aspectos das relações de poder instituídas a partir do uso das TIC, em especial, na Internet. A abordagem tem início com uma recuperação da [dimensão histórica](#) das questões que envolvem controle, seguida pela constatação de que as formas de cerceamento, poder e vigia estão [pulverizados na rede](#). Em seguida, recupera-se o conceito de [Ciber-sociabilidade](#) – cunhado por André Lemos (2010) para analisar as novas formas de sociabilidade emergentes com as tecnologias do ciberespaço –, aborda-se o controle no contexto das [redes sociais](#) e apresentam-se questões de



controle envolvidas na própria cunhagem de normas de etiqueta para uso na rede, as [Netiquetas](#). O trabalho é finalizado com a constatação de que, na sociedade contemporânea, [a rede é o controle](#).

Notadamente o trabalho apresenta a tese de que vivemos em uma sociedade de controle, propiciada, em grande medida, pela emergência de um tipo de tecnologia que simboliza novas capacidades de domínio do espaço e tempo. As novas ferramentas tecnológicas não só prefiguram novas funcionalidades para desejos humanos – como, por exemplo, controlar a abertura de portas de forma automatizada – como permite a identificação de tudo que se faz ao utilizá-las. Na Internet a questão potencializa-se, já que, por trás de novos e defensáveis modelos de comunicação e interação estão também novas formas de capturar informações sobre o indivíduo com finalidades que vão desde armazená-las até transformá-las, manipulá-las e vendê-las num novo modelo de negócio. A lógica dos identificadores de protocolo faz com que o “*ser*” agora seja transformado em “*bit*” e possa ser monitorado. Mas, nesse ambiente, quem é o novo “*big brother*”? Como pode-se notar, a proposta literária de George Orwell é atualizada.

Certamente a busca pela identidade do “*grande irmão*” perfaz uma outra ampla e interessante discussão sobre as questões que envolvem as formas de controle na sociedade contemporânea. Na condução deste trabalho chegou-se não só a esta inquietação, como a várias outras, como a constatação de que a Internet passa de privilégio a necessidade e o novo papel do *gatekeeper* e cartografia da informação.

Nesse debate sobre as TIC, as palavras-chave autonomia, domínio, rapidez, digitalização, velocidade e excesso de informação permitem constatar que a dimensão do impacto provocado pelas novas tecnologias suscita discussões que vão além de controle. Assim, retoma-se questões aqui já apresentadas: [Comunidades virtuais no Ciberespaço: criação de redes pessoais ou coletivas?](#) [Autoria na contemporaneidade: individual e ou coletiva?](#)

De todo modo, independente das perguntas, acredita-se estar num processo de entendimento da revolução que ocorre a partir das novas lógicas impostas pela utilização das TIC na sociedade contemporânea. Debater este tema, neste sentido, é apenas um exercício na busca por entendimentos e o conceito de controle, discutido neste tópico, também soma-se aos de [autoria](#) e [comunidades](#).

Controle ou democracia no ciberespaço? – eis a questão! Partindo desse questionamento, a experiência de escritura textual busca em Foucault (1987), que retrata a “*sociedade disciplinar*”, e em Deleuze e Guattari (1992), que atualizam o conceito



para “*sociedade de controle*”, vislumbrar o que acontece na atual sociedade. Conforme citado por Braga (2004), a noção foucaultiana de biopoder é retomada por Michael Hardt e Antonio Negri (2000; 2001) com a ideia de controle de Deleuze (1992) afirmando que “*biopoder e sociedade de controle são os substratos da nova ordem mundial que eles denominam Império*”. Esse controle, portanto, se dissemina nas relações sociais levando os sujeitos a se depararem diante de um muro que precisa ser atravessado. A grande questão não é derrubá-lo, mas criar formas de atravessá-lo. O caminho para a resistência se faz na caminhada, pois “*é ao nível de cada tentativa que se avalia a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo*”. (DELEUZE, 1992, p.218).

E o que dizer desse controle no ciberespaço? Se a cibercultura se define por uma cultura desterritorializada, o território, então, pode ser pensado como um lugar de processos de semantização (territorialização) e movimentação (desterritorialização), segundo Lemos (2009), a partir de múltiplas relações de poder (FOUCAULT, 1985) e/ou desejo (DELEUZE, 1992). Todo espaço, físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas, se transforma em território. No entanto, essas formas de controle do fluxo de informações estriadas pelo Estado encontram também suas linhas de fuga que aparecem na dinâmica social, com possibilidades de “*des-re-territorialização*” demonstrando que o ciberespaço se constitui como um espaço nômade, segundo o autor.

Enfim, esse trabalho evidencia que vivemos em uma sociedade de controle propiciada pela emergência de um tipo de tecnologia que simboliza novas capacidades de domínio do espaço e tempo. As novas ferramentas tecnológicas não só prefiguram novas funcionalidades para desejos humanos, como permite a identificação de tudo que se faz ao utilizá-las. A lógica dos identificadores de protocolo faz com que o “*ser*” agora seja transformado em “*bit*” e possa ser monitorado. Mas, como já apontado acima, nesse ambiente, quem é o novo “*big brother*”?

Considerações finais

Viver em comunidade virtual ou em rede social com seus múltiplos desafios no contexto do ciberespaço é viver num ambiente confortável ou interativo, seguro ou com possibilidades de invasão? Ser controlado ou estabelecer as próprias diretrizes ao participar de um espaço virtual? Compartilhar e construir junto o conhecimento ou se



apropriar do que é produzido para resguardar seu direito de autoria individual num espaço regido pela autoria coletiva?

Ao invés de se chegar a respostas, foram levantados outros questionamentos. Nesse sentido, a experiência do grupo da disciplina CCVAP 2010 passou pelo crivo da negociação de sentido e de informações, com o intuito de fazer emergir em suas discussões possibilidades literárias com aquilo que, de fato, acontece na sociedade em rede promovida pelos computadores e pela Internet. Como já foi dito, essa proposta é uma obra aberta, em que autores delegam a outros a condição de co-participantes desse processo de escritura hipertextual capaz de gerar novos “*nós*” que se estendem pela “*teia-trama*” delineada nessa perspectiva de construção e autoria coletiva.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. O Discurso no romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. In: _____. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Community: seeking safety in an insecure world**. Malden: Blackwell, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Joge Zahar Ed, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

COSTA, Rogério da. **Sociedade de Controle**. São Paulo em Perspectiva, 18 (1): 161-167. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n1/22238.pdf>>. Acesso em: 27 Abr. 2010.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Interface (Botucatu) [online]. 2005, v.9, n.17, p. 235-248. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf>>. Acesso em: 15 Mai. 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.



FOUCAULT, Michel. **O que é o autor?** 3ª ed. Lisboa: Veja/Passagens, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas de pesquisa social.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LE MOS, André. **Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>>. Acesso em: 21 Abr. 2010.

LE MOS, André. Ciber cultura como território recombina nte. In: TRIVINHO, Eugenio e CALEZOTO, Edilson (org.). **A Ciber cultura e seu Espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa.** 2009. Parte II, Cap. 1, p. 38-46. Disponível em:<<http://abciber.org/publicacoes/livro1/rosto>>. Acesso em: 20 Abr. 2010.

LE MOS, André. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Ciber cultura.** Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acesso em: 28 Abr. 2010.

LÉVY, P. **O que é o virtual.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LÉVY, Pierre. **A inteligência colectiva: Para uma antropologia do ciberespaço.** Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1994.

LÉVY, Pierre. **Ciber cultura.** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar e reformar, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MURRAY, Janet. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço.** São Paulo: Unesp e Instituto Itaú Cultural, 2003.

PASSARELLI, Brasilina. A Aprendizagem online por meio de comunidades virtuais de aprendizagem. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. (Org.). **Educação a Distância – o estado da arte.** São Paulo: Pearson Prentice Hall – Abed. 2009. p. 325-331.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces Digitais da Educação: alucinações consentidas.** São Paulo: Editora Senac, 2007.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais.** Disponível em: <http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/A%20emerg%EAncia%20das%20comunidades%20virtuais.pdf>. Acesso em: 21 Abr. 2010.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier.** Massachussets: Reading, 1993.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual.** Lisboa: Gradiva, 1997.

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Communities.** 2001. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 8 Set. 2009.